

MEIRA MATTOS: ILUSTRE GENERAL

Ives Gandra da Silva Martins*

Conheci o general Meira Mattos quando presidia o Partido Libertador (PL), em São Paulo, e vivíamos os turbulentos momentos do fim do governo Jango. À época, diversos partidos políticos, entre os quais, o meu, que era presidido nacionalmente pelo deputado Raul Pilla, apoiavam o movimento de 31 de março, tão logo ficou claro para nós que o então presidente pretendia não só quebrar a hierarquia e a disciplina das forças armadas – com a nomeação de militares oficiais de patentes menores (o comício dos sargentos, de 13 de março de 1964) para os ministérios –, como implementar um regime ditatorial semelhante ao do mais sanguinário e longevo ditador da atualidade: Fidel Castro. É de se lembrar que Fidel Castro, sem julgamento, fuzilou milhares de pessoas nos famosos “paredons”, quando impôs sua ditadura ao povo cubano.

Nossas relações iniciais foram protocolares, tendo perdido contato com ele em 1965, quando da edição do Ato Institucional nº 2, que me levou a abandonar a política e dedicar-me exclusivamente à advocacia, ao magistério e à produção doutrinária acadêmica de livros, estudos, artigos e conferências, pois ajudáramos na Revolução para garantir as eleições de 1965 – que Jango parecia pretender não realizar. Ora, o AI-2 não só extinguiu os 13 partidos existentes, inclusive, o meu, como criou dois conglomerados políticos (Aliança Renovadora Nacional [Arena] e Movimento Democrático Brasileiro [MDB]), que não atendiam aos meus ideais de parlamentarista.

* Professor Emérito das Universidades Mackenzie, Universidade Paulista (UNIP), Fundação Instituto de Ensino para Osasco (UNIFIEO), Faculdades Metropolitanas Unidas (UNIFMU), do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE)/Estado de São Paulo; das Escolas de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Superior de Guerra (ESG) e da Magistratura do Tribunal Regional Federal – 1ª Região; Professor Honorário das Universidades Austral (Argentina), San Martín de Porres (Peru) e Vasilii Goldis (Romênia); Doutor honoris causa das Universidades de Craiova (Romênia) e da Pontifícia Universidade Católica (PUC)-Paraná, e Catedrático da Universidade do Minho (Portugal); Presidente do Conselho Superior de Direito da Federação do Comércio (FECOMERCIO)–SP; Fundador e Presidente Honorário do Centro de Extensão Universitária (CEU) e do Instituto Internacional de Ciências Sociais (IICS).

Voltamos a manter contato, anos depois, na Universidade Mackenzie, em 1983. Fui examinador suplente de sua tese de doutoramento sobre Sociologia, em que se houve com raro brilhantismo. A partir desse reencontro acadêmico, nossa amizade estreitou-se. Leitor assíduo de seus escritos sobre Geopolítica e admirador de sua universal concepção do mundo e da política, de imediato, as nossas convergências de ideais e postura acadêmica alicerçaram a amizade que se conservou até a sua morte.

Na Universidade Mackenzie, Meira Mattos assumiu, após seu doutoramento, a coordenação do curso de pós-graduação em Sociologia e Política, tendo durante o tempo que o dirigiu sempre me convidado para palestras magnas, nas quais, ao final, debatíamos com os alunos sobre as vertentes possíveis para a política brasileira e universal, à luz dos desafios daquele momento.

Foi um período fascinante de debates de elevado nível, como só ele sabia conduzir; e sobre a reflexão do que seria necessário para fortalecer os alicerces dos novos tempos – em que os militares trabalhavam para sairmos do regime de exceção e reingressarmos no regime de plena democracia, sem rebeliões e sem sangue. A volta à democracia plena foi feita com tal habilidade que não houve traumas nem perseguições.

Assumi a presidência do Instituto dos Advogados de São Paulo (IASP) nesse período de transição (1985/1986), tendo mantido permanentes relações, à época, por força do curso da Mackenzie, dirigido por Meira, entre os cursos daquela Universidade e os cursos do IASP. Assim, nosso contato foi intensificado, ainda mais porque também assumi na Universidade a coordenação dos cursos de pós-graduação em Direito. Muitas vezes, as aulas de Direito e Sociologia eram ministradas em salas contíguas.

Tal convivência acadêmica permitiu-nos, na década de 80, longas discussões e debates sobre a realidade brasileira, criando um hábito – que durou até o fim de sua vida – de almoçarmos regularmente, só os dois, para uma reflexão conjunta. Não poucas vezes, vinha do Rio exclusivamente para a nossa troca de ideias. Num desses almoços, aceitei seu convite para ser membro da Academia Brasileira de Ciências Morais e Políticas.

Foi, pois, meu padrinho e proferiu um comovente discurso de recepção em minha posse.

Em 1990, fui convidado para ser professor da Escola de Comando e Estado Maior do Exército (ECEME), no curso de preparação dos coronéis para o generalato (CPEAEx), sendo agraciado, com sua presença e por sua sugestão, com o título de professor emérito daquela Instituição, em 1993. Honra-me continuar ali palestrando, regularmente, até os dias de hoje. Enquanto viveu, nunca deixou de comparecer ao meu “intensivão”, já que, por morar em São Paulo, ministro todas as aulas em um único dia. Como diretor da Escola, não só assistia constantemente às minhas palestras como me auxiliava a conduzi-las, no diapasão próprio da ECEME. Foi, portanto, meu mestre e conselheiro.

Às vezes, lembrava-lhe que, se na Universidade Mackenzie fora examinador suplente de sua tese e ingresso na Sociologia, na ECEME ocorria o inverso, pois fora ele o meu permanente inspirador e orientador. O mesmo ocorria nas conferências que proferi na Escola Superior de Guerra (ESG), às quais, muitas vezes, compareceu. Como morava no caminho para a ESG, algumas vezes, aconteceu de eu apanhá-lo para irmos juntos aos eventos.

Minha esposa dirigiu, durante algum tempo, a Associação de Cultura e Arte (ACEA), com palestras para senhoras sobre os temas mais variados. Ruth constrangia-se em convidá-lo para uma conferência, por entender que, habituado aos grandes auditórios de pessoas ilustres, não se sentiria à vontade para falar a senhoras dedicadas ao terceiro setor. Quando lhe contei isso, ligou para Ruth, dizendo que fazia questão de proferir a palestra, o que foi um autêntico sucesso de público e de interesse.

Por fim, nestas linhas das reminiscências, lembro-me da grande amizade que tenho com sua filha Carolina, filósofa e pensadora brilhante; assim como com seu marido, José Maria Withaker. Os laços, portanto, continuam com os Meira Mattos, mesmo depois de termos perdido seu patriarca. Feitas estas reminiscências, passo, agora, de forma muito perfunctória, a colocar alguns traços da personalidade de Meira Mattos que sempre me impressionaram.

Em primeiro lugar, a firmeza com que enfrentava as questões que lhe eram trazidas ou solicitadas, como quando chefiou as forças brasileiras na República Dominicana, assumindo, também, o Comando Geral das demais forças latino-americanas. Decidia com rapidez, sem transigências, mas com discernimento e coragem as medidas a serem tomadas. Não sem razão, mereceu do Alto-Comando do Exército americano elogios pela forma como disciplinou as nem sempre organizadas e disciplinadas forças de outros países vizinhos.

Realço, também, em segundo lugar, a serenidade de comando. Lembro-me do episódio da evacuação do Congresso Nacional. O deputado Adauto Lúcio Cardoso, em choque com o presidente Castelo Branco e irritado com o que denominou de usurpação da competência legislativa pelo Executivo, declarou o Congresso Nacional sua casa e fortaleza de resistência aos atos presidenciais.

O presidente Castelo Branco determinou a Meira Mattos, que o servia no Gabinete Militar, que desalojasse os deputados, sem verter uma só gota de sangue. Meira, de imediato, pediu a planta do Congresso e, tendo-a em mãos, verificou que, sem luz e água, não haveria como ali permanecerem, principalmente porque a grande maioria das salas e salões dependia exclusivamente da luz elétrica, e não da luz do dia.

Sem luz e sem água, os deputados resolveram deixar a Câmara, mas Meira precisava identificá-los, por solicitação da Presidência. À saída de cada deputado, sem que ninguém fosse preso, só lhe pedia o nome, liberando-o prontamente. O deputado Adauto Lúcio Cardoso, jurista de escol, quando saiu, declarou que não se identificaria para Meira Mattos. Com a serenidade que lhe era peculiar, respondeu-lhe que não havia necessidade de identificação, porque ele, de pronto, o identificava. O interessante – para mostrar o nível dos condutores da República à época do regime de exceção – é que, mais tarde, Adauto Lúcio Cardoso foi indicado pelo presidente Castelo Branco para Ministro do Supremo Tribunal Federal, tal era o respeito da Revolução para com as grandes inteligências do país.

Acentuo, também, uma terceira virtude de Meira: a lealdade. Hoje, quando vemos na política brasileira a mudança de partidos e de

posições, lembramo-nos de Voltaire, quando dizia que “na França, as leis eram alteradas com a mesma velocidade com que eram mudados os cavalos das carruagens nos postos de troca nas estradas”. Ou seja, a lealdade política vale apenas enquanto não aparece alguém que ofereça melhores vantagens para a troca de apoio. Nesse cenário, lembrar Meira Mattos é lembrar-se de alguém que, assumindo um compromisso, mantinha-o a todo custo. Assim foi com Castelo Branco, assim foi com seus companheiros de farda, assim foi com seus colegas de Universidade. Um homem de uma peça só e de uma única face.

Entre suas muitas virtudes, ressalto mais uma: a da verdadeira amizade. Todos os seus amigos sempre mereceram de Meira demonstrações de carinho e respeito, além da permanente disposição para auxiliá-los e com eles colaborar. Pessoalmente, atesto esta virtude em quase 30 anos de amizade, mantida até a sua morte. Era amigo e como tal sabia querer bem àqueles a quem dedicava o seu afeto.

Ressalto, ainda, uma última virtude, para não prolongar demais este depoimento: era um homem justo. Dizem os Evangelhos que São José era um homem justo, porque, entre os judeus, ser assim considerado era ter a máxima virtude. É que a justiça reside na essência das relações humanas, e nem sempre as emoções, os sentimentos, os rancores auxiliam alguém a ser justo. Meira era um homem justo. Virtude que fazia dele um intelectual diferenciado e um líder como poucos iguais tivemos no Brasil. Não sem razão, seus estudos sobre Geopolítica, divulgados no mundo inteiro, fizeram com que fosse considerado, naquela área, como um dos pensadores mais importantes do mundo nos últimos tempos, continuando sua obra a ser citada nos principais países do globo.

Quantas saudades de Meira Mattos! Como o Brasil precisaria, hoje, de homens como Meira para conduzi-lo! Uma pátria se faz com exemplos. São Josemaría Escrivá afirmava que “Frei exemplo é o melhor pregador”. Meira confirma a gráfica afirmação do santo do trabalho ordinário, servindo de exemplo para esta e para as futuras gerações.